

**CORONAVÍRUS COMO PESSOA:  
PADRÕES SEMÂNTICO-SINTÁTICOS NAS METÁFORAS DO CORONAVÍRUS****CORONAVIRUS AS A PERSON:  
SEMANTIC-SYNTACTIC PATTERNS IN CORONAVIRUS METAPHORS**

Alice Ribeiro Dionizio<sup>1</sup>  
Heronides Maurilio de Melo Moura<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa relacionada às metáforas do coronavírus. Os objetivos deste trabalho são: (i) refletir sobre a perspectiva ecológica da cognição e das metáforas; (ii) sistematizar estatisticamente as ocorrências metafóricas dos termos <coronavírus> e <gripe> encontradas no jornal Folha de São Paulo ([www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br)) no período compreendido entre 10 de maio a 10 de junho de 2020; (iii) analisar e descrever instâncias de ocorrências metafóricas da categoria Pessoa e, por fim, (iv) relacionar a Teoria Ecológica da Metáfora à Gramática das Construções no estudo das metáforas sobre o coronavírus. O referencial teórico que dá suporte a esta pesquisa é a Teoria Ecológica da Metáfora (JENSEN; GREVE, 2019), (GIBBS, 2013), (GIBBS, 2012); a discussão sobre metáfora e doença (SONTAG, 2007), (NERLICH; HAMILTON; ROWE, 2002), (NERLICH; HALLIDAY, 2007); e as relações simbólicas (semântico-sintáticas) das metáforas a partir das construções e das valências verbais (PERINI, 2008), (GOLDBERG, 2019), (GOLDBERG, 1995), (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004). A metodologia utilizada nesta pesquisa pode ser resumida a partir dos seguintes passos: (i) procura ativa de artigos com menção ao termo <coronavírus> no site [www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br) no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020; (ii) conversão dos artigos encontrados para o formato .txt; (iii) utilização do software AntConc para a sistematização quanti-qualitativa dos dados; (iv) sistematização dos dados a partir de tratamento estatístico; (v) busca ativa pelo termo <gripe> no mesmo período e conversão dos artigos em .txt; (vi) utilização do software AntConc para a sistematização quanti-qualitativa dos dados; e (vii) análise dos dados com base no referencial teórico escolhido. Os resultados apontam para a predominância da categoria Pessoa (79,09%) e, dentro dessa categoria, domínio do veículo Inimigo de Guerra (61,35%), o que ressalta a frequência do processo de personificação do patógeno coronavírus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáforas do Coronavírus. Teoria Ecológica da Metáfora. Gramática das Construções. Linguística de Corpus.

**ABSTRACT:** This article presents the beginnings of a research related to the metaphors of the coronavirus. The objectives of this work: (i) to reflect on the ecological perspective of cognition and metaphors; (ii) statistically systematize the metaphorical occurrences of the term <coronavirus> and <flu> found in the newspaper Folha de São Paulo ([www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br)) in the period from May 10 to June 10, 2020; (iii) to analyze and describe instances of metaphorical occurrences of the Person category and, finally, (iv) to relate the Ecological Theory of Metaphor to the Grammar of Constructions in the study of metaphors about the coronavirus. The theoretical framework that supports this research is the Ecological Theory of Metaphor (JENSEN; GREVE, 2019), (GIBBS, 2013), (GIBBS, 2012); the discussion about metaphor and illness (SONTAG, 2007), (NERLICH; HAMILTON; ROWE, 2002), (NERLICH; HALLIDAY, 2007); and the symbolic (semantic-syntactic) relationships of metaphors from constructions and verbal valences (PERINI, 2008), (GOLDBERG, 2019), (GOLDBERG, 1995) (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004). The methodology used in this research can be summarized from the following steps: (i) active search for articles with mention of the term <coronavirus> on the website [www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br) from May 10 to June 10, 2020; (ii) conversion of found articles to .txt format; (iii) use of the AntConc software for the quantitative-qualitative systematization of the data; (iv) systematization of data from statistical treatment; (v) active search for the term <flu> in the same period and conversion of articles into .txt; (vi) use of the AntConc software for the quantitative-qualitative systematization of the data; and (vii) data analysis based on the chosen theoretical framework. The results point to the predominance of the Person

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3337-8889>. E-mail: [alice.dionizio@ifsc.edu.br](mailto:alice.dionizio@ifsc.edu.br).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8087-6998>. E-mail: [heronides@uol.com.br](mailto:heronides@uol.com.br).

category (79.09%) and, within this category, the predominance of the Enemy de Guerra vehicle (61.35%), which highlights the frequency of the personification process of the coronavirus pathogen.

**KEYWORDS:** Coronavirus Metaphors. Ecological Theory of Metaphor. Construction Grammar. Corpus Linguistics.

## 1 Introdução

O interesse pelas metáforas é antigo e apresenta diferentes perspectivas acerca de sua natureza: ela já foi compreendida como um recurso exclusivamente linguístico, pertencente ao universo da estilística e da retórica (ARISTÓTELES, 1966); como um processo cognitivo e conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1987); como resultado das relações cognitivas e linguísticas dos enunciados (KITTAI, 1987); como um recurso pragmático que reflete as intenções do falante (SEARLE, 1993); e, mais recentemente, tem sido analisada sob uma perspectiva teórica mais integrativa, a Teoria Ecológica da Metáfora, que, entre outras questões, defende a existência de uma cognição social corporificada, sendo a metáfora um produto de um sistema-ambiente-organismo (JENSEN; GREVE, 2019) e de processos de auto-organização (GIBBS, 2012). Neste trabalho, adotamos esta última perspectiva teórica para discutir as metáforas do coronavírus veiculadas no periódico Folha de São Paulo durante o período compreendido entre 10 de maio de 2020 até 10 de junho de 2020.

Diante disso, os objetivos deste trabalho são: (i) refletir sobre a perspectiva ecológica da cognição e das metáforas; (ii) sistematizar estatisticamente as ocorrências metafóricas do termo <coronavírus> e <gripe> encontradas no jornal Folha de São Paulo ([www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br)) no período compreendido entre 10 de maio a 10 de junho de 2020; (iii) analisar e descrever instâncias de ocorrências metafóricas da categoria Pessoa e, por fim, (iv) relacionar a Teoria Ecológica da Metáfora à Gramática das Construções no estudo das metáforas sobre o coronavírus.

A metodologia utilizada nesta pesquisa pode ser sumarizada nos seguintes passos: (i) procura ativa de artigos com menção ao termo <coronavírus> no site [www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br) no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020; (ii) conversão dos artigos encontrados para o formato .txt; (iii) utilização do software AntConc para a sistematização quanti-qualitativa dos dados; (iv) sistematização dos dados a partir de tratamento estatístico; (v) busca ativa pelo termo <gripe> no mesmo período e conversão dos artigos em .txt; (vi) utilização do software AntConc para a sistematização quanti-qualitativa dos dados; e (vii) análise dos dados com base no referencial teórico escolhido.

Nesse sentido, este artigo está organizado da seguinte forma: a primeira seção, intitulada *Metáfora e cognição corpórea: uma breve discussão sobre a Teoria Ecológica da Metáfora*, apresenta reflexões acerca da relação entre metáfora, cognição e ambiente, de modo a explicar a proposta integrativa da perspectiva ecológica; na segunda seção, *A Gramática das Construções*, apresentamos ao leitor reflexões acerca da perspectiva construcional, especialmente a de Goldberg (1995), Goldberg (2019) e de Perini (2008); na terceira seção, *Materiais e Métodos*, explicitamos a metodologia utilizada para o levantamento de dados, como a busca ativa por artigos no jornal Folha de São Paulo ([www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br)) – a partir do termo <coronavírus> – e a utilização do software livre AntConc para a sistematização dos dados; na quarta seção, *Análise dos dados*, inicialmente apresentamos o tratamento estatístico realizado para, na sequência, analisarmos instâncias de ocorrências metafóricas organizadas na categoria Pessoa e, finalmente, propomos uma aproximação teórica entre a Teoria Ecológica da Metáfora e a Gramática das Construções. Por fim, finalizamos o artigo com as *Considerações Finais*.

## 2 Metáfora e cognição corpórea: uma breve discussão sobre a Teoria Ecológica da Metáfora

Assim como qualquer campo teórico, os estudos sobre a metáfora vêm sendo reanalisados e revistos a partir de diferentes perspectivas. Nosso objetivo aqui é o de apresentar ao leitor, ainda que brevemente, algumas considerações sobre essas mudanças de modo a demonstrar como chegamos à Teoria Ecológica da Metáfora.

### 2.1 Revendo algumas distinções clássicas e repensando a Teoria Conceptual da Metáfora

A Teoria Conceptual da Metáfora – doravante CMT<sup>3</sup> (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]) defende que a metáfora não está circunscrita à linguagem, uma vez que nosso pensamento é metafórico por natureza. Dessa forma, a maneira de pensar e de agir de cada um de nós é orientada pelas metáforas conceptuais, ou “metáforas primárias”. Exemplos disso seriam: DISCUSSÃO É GUERRA; TEMPO É DINHEIRO etc.

Contudo, ainda que essa teoria tenha alimentado o campo de pesquisas sobre as metáforas, especialmente o campo experimental da Psicolinguística, muitas críticas foram feitas a essas proposições pelo fato de os autores não apresentarem dados suficientemente robustos na defesa de suas afirmações (MOURA, 2008), (SCHRÖDER, 2011), (SILVA; LEITE, 2015). Diante disso, outras explicações e propostas foram feitas para o estudo das metáforas. Uma delas é a Teoria de Análise da Metáfora (KITTAI, 1987) que considera ser necessário analisar a apresentação das metáforas dentro da linguagem, ou seja, defende o estudo sistemático dos recursos linguísticos empregados na construção metafórica.

A partir dessas diferenciações, há o reforço de algumas distinções clássicas relacionadas ao que seria “cognitivo, social e comunicacional”. Para Gibbs (2012), essa divisão clássica acaba por construir a crença de que atividades cognitivas, sociais e comunicativas emergem de diferentes sistemas funcionais do cérebro-mente-corpo, ou seja, constrói uma visão modular dessas esferas. A proposta do autor é, então, que talvez não haja um sistema cognitivo específico e isolado responsável pela “cognição metafórica” operando sem relação com o campo social e/ou comunicativo. Como consequência, temos duas versões dessa tese: a primeira defende que não há mesmo no cérebro um processo modular que resulte na construção de uma metáfora estritamente conceptual (versão forte) e a segunda sugere que mesmo que exista esse módulo cognitivo metafórico, as metáforas conceptuais emergem do pensamento e da fala das pessoas de maneira sempre situada, ou seja, dentro de um campo social e comunicativo (versão fraca).

Dessa forma, tendemos neste trabalho a concordar com a proposta de Gibbs (2012) porque consideramos que mesmo que as metáforas tenham uma origem cognitiva, é no social, e a partir de recursos linguísticos, que elas se manifestam e tomam forma. Além disso, concordamos também com o pesquisador quando afirma que a metáfora é social não apenas por seu caráter comunicativo, mas porque a cognição individual metafórica é intrinsecamente social.

### 2.2 Metáfora e outros domínios biológicos-físicos: a Teoria Ecológica da Metáfora

Uma visão ecológica acerca da cognição humana compreende que as metáforas devem ser pensadas como ações relacionadas e experienciadas no ambiente. Dessa forma, a

---

<sup>3</sup> Optamos por utilizar a ordem da sigla original, em inglês, *Conceptual Metaphor Theory*.

metáfora não é compreendida como uma figura de linguagem ou uma figura de pensamento, mas é compreendida como uma figura de ação (JENSEN; GREVE, 2019). Nesse sentido, o termo ecológico, tão difundido e utilizado nas ciências naturais, e compreendido como o estudo das relações entre os diferentes tipos de organismos e seus ambientes, passa a ser empregado nos estudos das metáforas para que se possa estudar as relações delas com o ambiente, com a cultura, com a intenção, com o contexto (ou nicho) etc. Dessa forma, como afirmam Jensen e Greve (2019), a cognição passa a ser vista como relacional, ou seja, não é mais vista como algo que acontece única e exclusivamente dentro dos cérebros dos indivíduos, uma vez que é entendida como uma propriedade de um organismo-ambiente-sistema.

No que se refere à metáfora, ela é compreendida como um fenômeno cognitivo porque está na relação entre organismo e ambiente. Essa relação, em termos ecológicos, compreende que se pode buscar a metaforicidade (ou duplicidade potencial) no ambiente, físico ou social, que apresenta os recursos para uma ação simbólica. Em outras palavras, ainda que a metáfora seja cognitiva, é no ambiente (que pode compreender as relações sociais ou os próprios recursos linguísticos) que ela encontra as ferramentas para que possa efetivamente emergir.

Gibbs (2012), ao propor a aproximação das metáforas a outras formas e eventos da natureza, defende que há entre eles uma semelhança porque todos são construídos a partir de processos de auto-organização. Ou seja, no campo da linguagem e da cognição metafórica, há uma interação entre os processos de auto-organização (cognitivos, sociais, linguísticos e manifestações corporais) e a construção de metáforas conceptuais. Essa concepção ecológica da metáfora é ainda muito recente, mas nos ajuda a compreender melhor as relações entre os aspectos cognitivos, sociais e comunicacionais (linguísticos) que se fazem presentes na construção e na compreensão das metáforas. Na próxima seção, discutimos outra teoria bastante integrativa sobre a linguagem, a Gramática das Construções.

### 3 A Gramática das Construções

Para compreender a abordagem construcional, é fundamental que comecemos pela noção de *construção*. A primeira definição de Goldberg (1995) descreve as construções como unidades básicas da língua, constituídas a partir de um pareamento entre forma e significado cuja existência independe do significado específico dos verbos ou dos itens lexicais que as constituem. Ainda que com sentidos distintos, essas construções formam verdadeiras “famílias” seguindo o padrão polissêmico de seus itens lexicais (GOLDBERG, 1995), o que resulta na formação de redes de construções gramaticais interconectadas (PINHEIRO, 2015). Contudo, Goldberg (1995) ressalta que há uma restrição fundamental: só há construção se sua forma e/ou significado não for derivado composicionalmente de outras construções presentes na língua. Nesse sentido, morfemas são ótimos exemplos de construções, uma vez que são pares de forma e significado e não são facilmente previsíveis dentro da língua. Portanto, “Uma consequência dessa definição é que o léxico não é nitidamente diferenciado do resto da gramática<sup>4</sup>” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Já em Goldberg (2019) encontramos uma definição ampliada desse conceito: as construções seguem sendo compreendidas como agrupamentos, mas agora reconhece-se a importância da memória e da relação entre forma, significado e dimensões contextuais compartilhadas. Ao analisar uma construção, portanto, é preciso reconhecer as suas características sintáticas, semânticas, informacionais, fonológicas e contextuais.

---

<sup>4</sup> Tradução livre, no original: “It is a consequence of this definition that the lexicon is not neatly differentiated from the rest of grammar.” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Dessa forma, o interesse dos pesquisadores que seguem a abordagem construcional também recai em explicar as condições de aceitabilidade de construções a partir da competência e do conhecimento linguístico dos falantes (GOLDBERG, 1995). Além disso, admite-se que as construções são reconhecidamente composicionais – o significado de uma construção é resultado da integração do seu significado e dos itens lexicais que fazem parte dela – e parcialmente produtivas, ou seja, há limitações que impedem ou restringem o uso de determinadas construções, ainda que elas existam na língua. Essas restrições estão relacionadas à variabilidade de aceitação: construções alternativas – e mais prototípicas – podem bloquear construções marginais (GOLDBERG, 2019).

Um exemplo tratado por Goldberg e Jackendoff (2005) é a construção resultativa do inglês<sup>5</sup> como pode ser observado em (1):

(1) *Fred watered the plants flat.*

Em (1) estamos diante de um evento complexo composto por dois eventos intermediários: (i) Fred molhar as plantas (*Fred watered the plants*) e (ii) as plantas ficarem murchas. Em outras palavras, o primeiro evento é uma ação que resulta em uma consequência descrita pelo segundo evento. Sintaticamente, temos um RP (*resultative phrase*) em que há um Suj. V. Obj. AP, ou, ainda, X causa Y para se tornar Z.

Perini (2008) segue uma linha teórica bem próxima a de Goldberg (1995) pois utiliza a concepção de *diátese* – que se aproxima muito da de *construção* – e defende uma abordagem simbólica (reconhecimento da relação entre forma e significado). Porém, o pesquisador utiliza uma outra forma de representação das construções (com foco nos papéis temáticos) e não reconhece a restrição defendida por Goldberg acerca da impossibilidade da derivação ou previsão de uma construção a partir de outra.

Ao utilizar os papéis temáticos, Perini (2008) constrói uma análise destes a partir da perspectiva relacional de forma-significado. Além disso, propõe uma lista (ainda preliminar) das construções do português brasileiro porque defende que “A lista de construções (defendidas em termos de classes + funções sintáticas + papéis temáticos e provavelmente alguns outros fatores semânticos) nos fornece uma boa parte da gramática da língua.” (PERINI, 2008, p. 187). Nesse sentido, o pesquisador enumera as construções de forma a compor um verdadeiro catálogo e utiliza uma representação própria. Como forma de ilustrar ao leitor essa representação, trazemos a chamada C. 1 Transitiva:

(1) Zezé comeu a pizza

Definição:

H	V	SN
Ag		Pac

Nesta convenção de notação adotada por Perini, temos duas linhas: na primeira, há o símbolo H que é o sujeito, V que apresenta o verbo e o SN como sintagma nominal. Na segunda linha, temos o símbolo Ag que representa o papel temático de Agente e Pac que representa o Paciente. Como estamos trabalhando com o português brasileiro, optamos por utilizar neste trabalho o catálogo de construções de Perini (2008), mas conceberemos outra forma de representação das construções, conforme o leitor verá na seção de análise deste trabalho. Além disso, utilizamos a sistematização de Goldberg (1995) para a identificação do significado das construções.

A seguir, apresentamos os passos metodológicos da pesquisa para situar o leitor sobre o caminho percorrido até aqui.

<sup>5</sup> Não há correspondência desse tipo de construção em português.

#### 4 Materiais e Métodos

O corpus analisado neste trabalho foi coletado no jornal Folha de São Paulo ([www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)) a partir de busca ativa por ocorrências do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020. As categorias do jornal consideradas foram: Colunistas, Cotidiano, Mundo, Mercado, Equilíbrio e Saúde, Poder, Ilustrada, Educação, Turismo, Empreendedor Social, Esporte, Ilustríssima, Painel S.A e Folhinha. A busca resultou em 2.451 artigos que foram convertidos para o formato .txt e incluídos no software livre AntConc. No software, ao pesquisarmos pelo mesmo termo <coronavírus>, obtivemos 4.367 ocorrências, o que levou o termo a ocupar a 33º posição no ranking de palavras mais repetidas no corpus (opção *Word List*).

Na sequência, passou-se a segunda parte da investigação, a qual compreendeu uma análise quanti-qualitativa de identificação das ocorrências metafóricas e de sistematização dos dados a partir de uma organização por categorias e de tratamento estatístico. A partir dessa análise, obtivemos 507 ocorrências metafóricas – o que corresponde a 11,61% do total das ocorrências do termo <coronavírus> – divididas em 6 categorias (Pessoa, Força da Natureza, Marco Histórico, Objeto, Motivação de conflito Econômico, Político ou Social e Outros) e 23 veículos (Inimigo de Guerra, Indivíduo, Pessoa em Movimento/Viajante, Bandido/Vilão/Assassino, Ditador, Aliado Político, Condutor/Motorista, Companhia, Atleta/Adversário, Peste/Monstro, Montanha, Impacto, Onda/Tsunami, Vento/Tempestade, Mosquito/Inseto, Explosão/Fogo, Água/Líquido/Substância, Terremoto, Transação Financeira, Motivo de Conflito, Marco Histórico, Item Importado e Meio de Transporte/Carro).

A terceira etapa do levantamento de dados compreendeu a busca pelo termo <gripe> no mesmo corpus. Essa busca resultou em 116 ocorrências do termo, rendendo-lhe a 1.681º posição no ranking de palavras mais repetidas. A quarta etapa realizada foi a análise quanti-qualitativa desses dados, a qual resultou na identificação de 4 categorias de menção ao termo gripe, a saber: gripe, gripe espanhola, gripe suína H1N1 e gripe de Hong Kong. Contudo, uma observação é fundamental: a maioria desses termos não é metafórico, ou seja, das 116 ocorrências de gripe, apenas 10 foram metafóricos, o que corresponde a 8,6% do total de ocorrências do termo <gripe>.

#### 5 Análise dos dados

A Tabela 1 apresenta o número de ocorrências a partir de cada categoria. Como o leitor perceberá, a categoria Pessoa se destaca com quase 80% das ocorrências, seguida pela categoria Força da Natureza (11,05%), Marco Histórico (3,35%), Objeto (2,76%), Outros<sup>6</sup> (1,97%) e Motivação de Conflito Econômico, Político ou Social (1,18%).

**Tabela 1** - Ocorrências metafóricas do termo <coronavírus> organizadas por categoria

Categorias	Número de ocorrências	FR	FR (%)
Pessoa	401	0,790927	79,09
Força da Natureza	56	0,110454	11,05
Motivação de conflito econômico, político ou social	6	0,011834	1,18
Marco histórico	17	0,033531	3,35
Objeto	14	0,027613	2,76
Outros	10	0,019724	1,97
<b>Total</b>	<b>507</b>	<b>1</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

<sup>6</sup> A categoria “Outros” compreende ocorrências metafóricas que não puderam ser categorizadas por apresentarem padrões construcionais e/ou semânticos bastante idiossincráticos.

Para cada categoria encontrada, com exceção da categoria *Outros*, organizamos os enunciados a partir dos veículos ativados. Como nosso objetivo neste trabalho é o de discutir a categoria Pessoa, apresentamos a Tabela 2 que sintetiza o número de ocorrências por veículo dentro dessa categoria. Foram 9 veículos encontrados e o que mais se destacou em número de ocorrências foi *inimigo de guerra* com 61,35% das ocorrências.

**Tabela 2** – Ocorrências metafóricas do termo <coronavírus> na categoria Pessoa organizadas por veículos

Veículos	Número de ocorrências	FR	FR (%)
Inimigo de Guerra	246	0,613466	61,35
Indivíduo	38	0,094763	9,48
Pessoa em movimento/Viajante	74	0,184539	18,45
Bandido/Vilão/Assassino	29	0,072319	7,23
Ditador	3	0,007481	0,75
Aliado Político	3	0,007481	0,75
Condutor/Motorista	2	0,004988	0,5
Companhia	1	0,002494	0,25
Atleta/Adversário	5	0,012469	1,25
<b>Total</b>	<b>401</b>	<b>1</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Como forma de estabelecer uma comparação dos processos de metaforização do elemento <coronavírus> e outras doenças, optamos por buscar no mesmo corpus o termo <gripe>. A Tabela 3 sintetiza o número de ocorrências metafóricas do termo <gripe> a partir de suas categorias:

**Tabela 3** – Ocorrências metafóricas do termo <gripe> organizadas em categorias

Categorias	Número de ocorrências	FR	FR (%)
Gripe	3	0,3	30
Gripe Espanhola	7	0,7	70
Gripe Suína H1N1	0	0	0
Gripe de Hong Kong	0	0	0
Total	10	1	100

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Como forma de exemplificar ao leitor essas ocorrências metafóricas com o termo <gripe>, apresentamos a Tabela 4 que reúne o número de ocorrências por veículo dentro da categoria Gripe Espanhola e algumas instâncias desses enunciados.

**Tabela 4** – Ocorrências metafóricas do termo <gripe> na categoria Gripe Espanhola organizadas por veículos

Veículos	Instâncias	Número de ocorrências	FR	FR (%)
Inimigo de Guerra	(3) Apesar de inúmeras declarações das autoridades de que <b>São Francisco havia vencido a gripe espanhola</b> rapidamente, quando os números gerais do país foram compilados pelo governo federal, ficou claro que a doença teve efeito devastador. (FSP, 11/05/2020)	3	0,428571	42,85

Mosquito/Inseto	(4) A chamada <b>gripe espanhola</b> , que causou mais de 50 milhões de mortes ao redor do mundo, atingiu os Estados Unidos em três ondas, a partir da primavera de 1918 (outono no Brasil), quando <b>focos foram identificados</b> na Costa Leste, em soldados que haviam lutado na Primeira Guerra Mundial. (FSP, 11/05/2020)	1	0,142857	14,28
Terremoto	(5) Seja na revolução industrial, com a epidemia da cólera, nas guerras civis, com a peste e o tifo, ou nos primórdios da Primeira Guerra Mundial, com a <b>gripe espanhola</b> , essas <b>calamidades fizeram continentes inteiros tremer mais de uma vez</b> . (FSP, 31/05/2020)	2	0,285714	28,57
Onda/Tsunami	(6) "Estamos trabalhando de forma cautelosa. Nada impede que tenha uma nova onda da pandemia. <b>A gripe espanhola teve três ondas</b> , a primeira em 1918, a segunda em 1919, a mais mortal, e uma menor em 1920. Torço para que nada aconteça desse tipo, mas não vejo um céu azul brilhando nesses movimentos de curto prazo", disse o executivo. (FSP, 19/05/2020)	1	0,142857	14,28
<b>Total</b>		<b>7</b>	<b>1</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Em suma, podemos perceber como a metaforização do <coronavírus> é muito mais proeminente do que a do termo <gripe>. Isso é facilmente compreensível a partir das relações entre organismo-mente-ambiente, uma vez que a emergência da Covid-19 resulta em uma alta frequência de menção a ela e, por consequência, em processos mais frequentes de enunciados metafóricos. Nesse sentido, a construção e a utilização das metáforas podem servir como um alerta performativo e não apenas refletir um aspecto representacional, ou seja, podem funcionar como um convite à ação diante do mundo. Dessa forma, “As metáforas podem ser usadas por especialistas e pela mídia para mostrar visões sobre o passado e/ou futuro e para tentar afetar nossas ações sociais e políticas no presente.”<sup>7</sup> (NERLICH; HALLIDAY, 2007, p. 50). As metáforas referentes ao coronavírus parecem refletir a emergência da pandemia, considerando o alto número de ocorrências e a diversidade de construções utilizadas na composição de sentidos metafóricos.

A personificação do patógeno coronavírus é proeminente – quase 80% dos dados dizem respeito a essa categoria metafórica – diferentemente do que acontece com gripe que não chega a ser amplamente metaforizada, muito menos personificada. Isso parece ser resultado da relação com o contexto social que reflete a emergência do coronavírus e, por isso, decidimos analisar com mais cuidado essa personificação do Sars-Cov-2. Como há limitação deste texto, optamos por analisar uma instância de cada veículo da categoria Pessoa. Essas instâncias podem ser observadas no Quadro 1.

**Quadro 1** – Instâncias de ocorrências metafóricas por veículo na categoria Pessoa

Categoria	Veículos	Instância
PESSOA	Inimigo de Guerra	(7) “Com uma ação de união e solidariedade em um período que [enfrentamos <b>um inimigo invisível como o coronavírus</b> ], buscamos ajudar quem realmente precisa, facilitando o acesso à

<sup>7</sup> Tradução livre, no original: “Metaphors can be used by experts and the media to shape visions of the past and/or the future to try and affect our social and political actions in the present.”

		educação para os estudantes mais carentes”, explica Felipe Neves, fundador e presidente do Projeto Constituição na Escola. [...] (FSP, 13/05/2020)
	Indivíduo	(8) <b>Coronavírus condena práticas insustentáveis</b> do mundo da arte, diz galerista (FSP, 10/06/2020)
	Pessoa em movimento/ Viajante	(9) Hoje os EUA contabilizam mais de 81 mil mortos pela Covid-19, enquanto [ <b>o coronavírus dá a volta ao mundo</b> ] e [ <b>atinge, oficialmente, 181 dos 193 países reconhecidos pela ONU</b> ]. (FSP, 13/05/2020)
	Bandido/Vilão/ Assassino	(10) Como foi o diagnóstico do coronavírus? [ <b>É um vírus bandido</b> ]. Eu senti uma dor no corpo intensa, uma febrícula. Não tive tosse, secreção. Como eu nunca tive absolutamente nada parecido com isso, fui para o hospital. (FSP, 11/05/2020)
	Ditador	(11) [...] Ainda que uma parcela considerável desses falecimentos tenha outras causas —pneumonias causadas por bactérias, por exemplo— é altamente improvável que [ <b>a mão de ferro do coronavírus não esteja, em parte, por trás do aumento</b> ]. (FSP, 30/05/2020)
	Aliado Político	(12) [...] Agora, quem tem que cair é o próprio Bolsonaro, um negacionista, inimigo da Ciência, da Saúde e da vida! [ <b>Bolsonaro se aliou ao coronavírus</b> ] e qualquer gestor, por pior que seja, não supera Bolsonaro.” (FSP, 15/05/2020)
	Condutor/Motorista	(13) [ <b>Brasil está capotando com Bolsonaro e coronavírus</b> ], afirma Sidarta Ribeiro (FSP, 15/05/2020)
	Companhia	(14) [ <b>O coronavírus ficará conosco por um tempo</b> ] e precisamos descobrir como viver com ele sem estar em constante estresse. (FSP, 10/06/2020)
	Adversário/Atleta	(15) <b>Havaianas dribla coronavírus</b> com venda em supermercado e farmácia (FSP, 07/06/2020)

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Frequentemente, as doenças geram conceptualizações relacionadas ao campo bélico, no qual o *sofredor* (ou paciente) trava uma luta contra o *invasor* de seus domínios (nesse caso, seu corpo). Há os que vencem, “os vencedores”, e há os que perdem essas batalhas, “os vitimados”, “as vítimas”, “os abatidos” etc. (SONTAG, 2007). Nesta seção, o leitor é apresentado a análises dos padrões simbólicos nas metáforas do coronavírus, organizadas a partir da categoria pessoa. O limite deste texto nos impede de analisar as metáforas pertencentes a outras categorias, mas isso reitera a necessidade de pesquisas posteriores. O padrão de análise que adotamos neste artigo tem como base as postulações de Goldberg (1995), Goldberg (2004), Goldberg (2019) acerca da Gramática das Construções e das diáteses verbais trabalhadas por Perini (2008) num trabalho descritivo sobre as construções em PB. O autor não trabalha com construções metafóricas, mas acreditamos ser possível essa transposição teórica porque defendemos que as construções estabelecem a base linguística dos sentidos metafóricos.

A análise gramatical das metáforas aqui empreendida, portanto, relaciona-se diretamente com a perspectiva construcional de Goldberg (1995), Goldberg (2004), Goldberg (2019) e Perini (2008), pois objetivamos demonstrar as relações entre os traços sintáticos e semânticos que dão suporte linguístico para a construção do significado metafórico. Esse objetivo também está de acordo com a concepção de metáfora que adotamos neste trabalho, ou seja, metáfora como fenômeno linguístico, cognitivo, cultural e experiencial. Em outras palavras, consideramos a metáfora um fenômeno cognitivo e conceitual, mas que emerge a partir de um suporte linguístico (as construções de uma língua), de modo a refletir as experiências culturais e sociais que o falante estabelece a partir da relação mente-cérebro-corpo e ambiente (Teoria Ecológica da Metáfora).

### 5.1 As metáforas do coronavírus sob uma perspectiva construcional e ecológica

Passamos agora a apresentar as ocorrências metafóricas e analisá-las a partir do referencial teórico apresentado até aqui. O Quadro 2 sintetiza o significado e a estrutura das construções metafóricas a serem analisadas. As construções presentes nas ocorrências são: Transitiva (4 ocorrências), Expressão Idiomática (1 ocorrência), Relação pessoal com preposição (1), Estativa (3 ocorrências) e Comitativa (1 ocorrência).

**Quadro 2** – Tipo de construção, significado, estrutura das ocorrências e papéis temáticos

Instância	Tipo de Construção	Significado da ocorrência <sup>8</sup>	Estrutura da ocorrência	Papeis Temáticos <sup>9</sup>
(7) [enfrentamos um inimigo invisível como o coronavírus]	Transitiva <sup>10</sup>	X enfrenta Y	__ V Obj.	Paciente – inimigo invisível como o coronavírus Designação – inimigo invisível Designado – coronavírus *Agente implícito - nós
(8) [Coronavírus condena práticas insustentáveis do mundo da arte]	Transitiva	X condena Y	Suj. V Obj.	Agente – Coronavírus Paciente – práticas insustentáveis do mundo da arte
(9a) [o coronavírus dá a volta ao mundo]	Expressão idiomática <sup>11</sup>	X dá a volta ao mundo	Suj. Ex. Idiomática	Agente/Tema/Localizando – Coronavírus Lugar – dá a volta ao mundo
(9b) [atinge, oficialmente, 181 dos 193 países reconhecidos pela ONU].	Transitiva	X atinge Y	Suj. V Obj.	Agente – Coronavírus Objeto – 181 dos 193 países reconhecidos pela ONU
(10) [É um vírus bandido]	Estativa <sup>12</sup>	X é Y	Suj. V Pred.	Qualidade/Designando - vírus bandido *Qualificando/Designação implícito - coronavírus
(11) [a mão de ferro do coronavírus não esteja, em parte, por trás do aumento.]	Estativa	X está Y	Suj. V Pred.	Localizando – a mão de ferro do coronavírus Lugar – por trás do aumento
(12) [Bolsonaro se aliou ao coronavírus]	Relação Social com Preposição <sup>13</sup>	X se alia a Y	Suj. V Obj.	Participante de Relação Social – Bolsonaro Participante de Relação Social – coronavírus
(13) [Brasil está capotando com Bolsonaro e coronavírus]	Estativa	X está Y com Z	Suj V Pred.	Paciente – Brasil Agente/ Instrumento – Bolsonaro e coronavírus
(14) [O coronavírus	Comitativa <sup>14</sup>	X fica com Y <sup>15</sup>	Suj V PP	Localizando – O

<sup>8</sup> Com base em Goldberg (1995, 2004, 2019).

<sup>9</sup> Papeis utilizados por Perini (2008).

<sup>10</sup> Nomenclatura de Perini: C1. Transitiva.

<sup>11</sup> Não há correspondência com as diáteses discutidas por Perini (2008).

<sup>12</sup> Na nomenclatura de Perini (2008): C.25 Estativa.

<sup>13</sup> Na nomenclatura de Perini (2008): C.63 Relação Social com Prep.

<sup>14</sup> Não há referência desta construção em Perini (2008) mas encontramos referência a ela em Levin (1993).

<sup>15</sup> Para Levin (1993), seria *X vai com P*.

ficará conosco por um tempo]				coronavírus Lugar - conosco
(15) [Havaianas dribla coronavírus com venda em supermercado e farmácia]	Transitiva	X dribla Y	Suj V Obj PP	Havaianas – agente Coronavírus – paciente

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

As construções de uma língua sempre são expressas a partir de sentenças e as relações presentes dentro desses enunciados podem ser entendidas como resultado de um significado mais geral e de um significado mais específico. Dito de outra forma, o significado total de uma construção não é dado a priori, pois será resultado da somatória do significado da construção em si e do significado dos verbos e/ou outros elementos que as compõem (GOLDBERG, 1995)<sup>16</sup>. Por isso, a depender da instância a ser analisada, podemos compreender diferentes sentidos. Por outro lado, a atribuição de papéis temáticos também pode ser um meio de compreender o significado da construção, especialmente porque nos relva as relações expressas entre os verbos e a sua estrutura argumental<sup>17</sup>. Nesse sentido, o significado é composicional e sempre pode sofrer processos de expansão, como é o caso do sentido metafórico.

Tomemos como exemplo as construções transitivas: elas sempre se destacam nas línguas por sua frequência e possibilidade de expansão e, por isso, muitos são os verbos que podem fazer parte dessas construções. Nas instâncias aqui analisadas, temos *enfrentar*, *condenar*, *atingir* e *driblar*. Em todos os casos, o coronavírus está presente: ora como agente (2 ocorrências) ora como paciente (2 ocorrências).

Em (7) temos o verbo *enfrentar* que, segundo o dicionário de Borba *et al* (1990, p. 602), “indica ação, com sujeito agente e com complemento animado/abstrato designativo de perigo”.

(7) [*enfrentamos um inimigo invisível como o coronavírus*] (FSP, 13/05/2020)

A grande questão aqui é que o coronavírus não é um ser abstrato, pois existe na realidade, é um microrganismo real. Por outro lado, não é um ser animado e volitivo – não causa uma sensação de medo por vontade própria. Aliado a isso, temos a atribuição de papéis temáticos na qual o rótulo *paciente* soa um pouco desajustado: a ação de enfrentar parece necessitar de um ser agentivo a ser enfrentado, ou seja, um “paciente agentivo”. Além disso, a ideia de X enfrenta Y não causa, necessariamente, uma transformação em Y – como expresso na definição clássica de construções transitivas. Ainda assim, o coronavírus é personificado como um inimigo de guerra, metáfora bastante regular e frequente para a alusão a doenças.

Já em (8) o coronavírus ocupa a posição de agente que estabelece um juízo de valor negativo em relação a determinadas práticas:

(8) [*Coronavírus condena práticas insustentáveis do mundo das artes*]. (FSP, 10/06/2020)

Neste caso, o verbo *condenar* também parece exigir a presença de um sujeito agente e volitivo, o que não é o caso do coronavírus. Esse é mais um exemplo de como o vírus, graças a mudanças advindas da pandemia, é metaforizado como pessoa. Em outras palavras, o contexto social emergente da pandemia acaba por gerar um plano de fundo bastante propício

<sup>16</sup> Essas relações podem ser observadas na com coluna Significado do Quadro 2.

<sup>17</sup> Essas relações são expressas na coluna Papéis Temáticos do Quadro 2.

para a criação de metáforas que responsabilizem, de alguma forma, o coronavírus por situações que são consequências da própria emergência de saúde pública.

Um exemplo disso pode ser observado na sentença (9):

(9) *[o coronavírus dá a volta ao mundo e atinge, oficialmente, 181 dos 193 países reconhecidos pela ONU]. (FSP, 13/05/2020)*

Esse enunciado pode ser dividido em duas partes (duas sentenças simples). Na primeira, há uma construção que podemos chamar construção idiomática<sup>18</sup>, na qual temos coronavírus ocupando uma posição de sujeito agente seguido de uma expressão idiomática que dá a ideia de que ele é um viajante que se movimenta por todo o mundo, ou seja, uma pessoa. Na segunda parte do enunciado, encontramos a já conhecida construção transitiva com o verbo *atingir* na qual o coronavírus é, ainda que implicitamente, o agente e na qual há um paciente que, considerando a semântica do verbo, sofre, de fato, mudanças com a chegada do coronavírus.

Essa construção parece refletir a relação com o contexto social, ambiente nos termos da Teoria Ecológica da Metáfora, uma vez que a característica da doença – mais especialmente do vírus de se espalhar pelo mundo – viabiliza o processo de metaforização que dá uma “explicação” alternativa para essa característica: ele viaja e, por isso mesmo, chega a muitos países – é, portanto, um verdadeiro ‘cidadão cosmopolita’.

Em (10) temos uma construção estativa com o verbo *ser* conjugado no presente, estabelecendo uma relação de igualdade e de predicação. agentividade

(10) *Como foi o diagnóstico do coronavírus? É um vírus bandido. (FSP, 11/05/2020)*

Trata-se da formulação de uma correferencialidade implícita: o termo *coronavírus* não está gramaticalmente explícito na sentença, mas é facilmente recuperado pelo contexto de enunciação. Perini (2008) chama essa construção de estativa porque é a partir dela que características são atribuídas a um ser: coronavírus = um vírus bandido. Ademais, Fossile (2011) aponta que por não se tratar de uma ação, não teríamos a atribuição de, e é nesse ponto que a construção metafórica se efetiva: a qualidade atribuída ao vírus a partir do predicativo *bandido* parece demandar volição, agentividade. Além disso, segundo Borba *et al* (1990, p. 1231), o verbo *ser* “I. Compõe predicado estativo de inerência, ou seja, se refere ao sujeito como um dos seus traços essenciais [...]”. Assim posto, o coronavírus é metaforizado com um ser inerentemente mau, vil, impiedoso etc. Quanto aos papéis temáticos, podemos compreender que ainda que o coronavírus não esteja explícito, é dele que se fala, por isso ele é o qualificando ou designando. Já a característica atribuída a ele, um vírus bandido, é a qualidade ou a designação.

Interessante observar também que construções que poderiam ser formuladas a partir de uma relação de causa, causativas, são construídas de forma a atribuir responsabilidade ao coronavírus. O enunciado (11), a seguir, nos ajuda a compreender essa questão:

(11) *[a mão de ferro do coronavírus não esteja, em parte, por trás do aumento] (FSP, 30/05/2020)*

Em (11) o enunciado é construído a partir de uma relação de metonímia, atribuindo à *mão de ferro do coronavírus* a responsabilidade pela morte de pessoas. Interessante observar que estamos novamente diante de um coronavírus agente sendo que a localização do vírus é

---

<sup>18</sup> Essa construção é uma proposta nossa, Perini (2008) não abarca as expressões idiomáticas em seu trabalho descritivo.

metafórica: ele não está no ar, nem dentro das células de alguém, está articulando a morte das pessoas. A expressão “mão de ferro” diz respeito a um ser intransigente ou, no campo político, a governantes que são tiranos e opressores com o povo. Dessa forma, temos mais uma vez o imaginário de um vírus como um ser vil e volitivo que age sem misericórdia, um ser inflexível, ditador.

Quando pensamos no universo não metafórico, essa sentença poderia ser construída a partir da atribuição de causa ao coronavírus, ou seja, o coronavírus é a causa do aumento de mortes. Porém, a preferência se dá pela atribuição de responsabilidade mais direta, cujo sentido recai na concepção de que o coronavírus, como pessoa, arquiteta a morte das pessoas – a expressão “por trás de” no PB carrega esse sentido de “responsabilidade escondida”.

Como pessoa, o coronavírus também pode estabelecer relações. Essa situação é expressa a partir do veículo *aliado político* cujo exemplo temos em (12).

(12) *Bolsonaro se aliou ao coronavírus. (FSP, 15/05/2020).*

O verbo *aliar* “Indica uma ação com sujeito agente e com complemento da forma a/com + nome humano. Significa coligar-se, unir-se por pacto [...]” (BORBA *et al*, 1990, p. 81, destaques no original). Dessa forma, o enunciado contido em (12) é emblemático porque apresenta o coronavírus na posição de um complemento que, a princípio, só poderia ser ocupado por um nome [+humano] e [+agente]. Dessa forma, o coronavírus é metaforizado como um ser político que, em última estância, está aliado ao presidente brasileiro.

(13) *[O Brasil está capotando com Bolsonaro e coronavírus] (FSP, 15/05/2020).*

O enunciado contido em (13) é metafórico ao relacionar a situação política e de saúde do país a um acidente de carro: *o Brasil* é metaforizado com um carro que, graças às ações de dois agentes, está capotando, ou seja, está fora de controle; como o Brasil é quem sofre as ações, pode ser entendido como paciente. A condução do capotamento do Brasil é feita pelos agentes/instrumentos *Bolsonaro e coronavírus*, o que dá a eles uma alta carga de responsabilidade. Aqui é mais um caso de atribuição de responsabilidade de forma mais direta do que ocorreria se a construção escolhida fosse de causalidade: a causa do capotamento são as ações de Bolsonaro e as consequências da pandemia do coronavírus, por exemplo.

A ocorrência contida em (14) pode ser chamada de comitativa<sup>19</sup>. Segundo Levin (1993), esse tipo de construção dá a ideia de *X vai com P*, sendo que ambos participam da ação que é gerada pelo sujeito.

(14) *[O coronavírus ficará conosco por um tempo] (FSP, 10/06/2020).*

Essa metáfora revela a percepção de permanência do coronavírus, constituindo um aspecto durativo de ação de “estar entre nós”. Interessante que a característica de agentividade é mais uma vez atribuída ao vírus, uma vez que é ele o gerador da ação que incide ao “nós”, ao “conosco”. Além disso, a duratividade do evento não é precisa, ao mesmo passo que parece denotar uma permanência alargada, *por um tempo*. Nesse enunciado, a localização do coronavírus é mais uma vez metafórica, dado a ideia de estar presente no dia a dia e no cotidiano da sociedade.

---

<sup>19</sup> Esta construção não é abordada por Perini (2008).

(15) [*Havaianas dribla coronavírus com venda em supermercado e farmácia*]. (FSP, 07/06/2020).

A ação de *driblar* “Indica ação-processo. 1. Com o sujeito agente e com complemento expresso por nome animado, significa ludibriar, enganar [...]” (BORBA *et al*, 1990, p. 538). Neste caso, o complemento, ou objeto direto, é o próprio coronavírus. A característica [+animado] é uma questão que gera bastante discussão, tanto no campo linguístico como no campo biológico. São os vírus seres animados? Fato é que, a partir do enunciado contido em (15)<sup>20</sup>, compreendemos que o coronavírus foi “passado para trás” pela empresa Havaianas que continuou lucrando no meio da pandemia. Importante mencionar mais uma vez que o selo de *paciente* é um tanto contraditório, pois é graças às “ações” do coronavírus, que resultam em crise econômica e *lockdown*, que a empresa Havaianas precisa driblá-lo.

Grças ao sentido específico do verbo, que se relaciona ao campo dos esportes, é que podemos compreender que coronavírus é metaforizado com uma pessoa que é atleta, pois o ato de driblar compreende uma ação esportiva que resulta em uma vantagem em relação ao adversário. Nesse sentido, não temos uma “mudança” no estado do paciente, como seria a definição clássica.

A seguir apresentamos um fechamento dessas análises propondo uma aproximação teórica entre a Gramática das Construções e a Teoria Ecológica da Metáfora, uma vez que acreditamos ser possível utilizar essas duas perspectivas para o estudo das metáforas do coronavírus e enunciados metafóricos no geral.

## 5.2 As metáforas do Coronavírus sob a perspectiva da Teoria Ecológica da Metáfora e da Gramática das Construções

As metáforas analisadas neste trabalho foram veiculadas em um jornal de grande circulação nacional. Por isso, não se trata de uma interação do tipo *face a face*, ainda que os produtores desses enunciados sempre levem em conta o possível receptor do texto. Dessa forma, podemos compreender que a construção e a interpretação desses enunciados metafóricos ocorrem a partir da relação organismo-ambiente (GIBBS, 2012), sendo organismo a mente-corpo-cérebro daqueles que produzem e/ou interpretam as metáforas e o ambiente os aspectos culturais, históricos, linguísticos e sociais que circundam esse organismo (QUINN, 1991). Dito de outra forma, as metáforas do coronavírus parecem ser construídas de modo a revelarem um tipo de ação diante do ambiente que é a própria pandemia. Não se trata apenas de conceptualizar metaforicamente o coronavírus como pessoa, trata-se de expressar, através da ação da metáfora, as experiências que levam a compreendê-lo dessa forma.

No que diz respeito ao ambiente, ele também pode ser entendido como o entorno linguístico que permite a construção da metáfora, o que reforça a necessidade de análises linguísticas das construções empregadas para a construção do sentido metafórico, pois, a partir dessas análises, conseguimos visualizar e investigar padrões. Como o leitor deve ter observado, o padrão mais recorrente nas metáforas do coronavírus aqui analisadas é a agentividade, a volição. Em todos os enunciados aqui discutidos, percebemos essa característica, mesmo nos casos em que, a princípio, o coronavírus é paciente: mesmo nesses casos, trata-se de um paciente ativo que gera a necessidade de uma ação responsiva por parte do sujeito, ou seja, nunca há passividade no coronavírus.

---

<sup>20</sup> Esse enunciado pode ser enquadrado também na construção que Perini (2008) chama de C.28 de Agente, Paciente e Instrumento.

Nesse sentido, o coronavírus é compreendido e apresentado através das construções linguísticas metafóricas como um ser que possui desejos, objetivos, que faz alianças, que possui habilidades corpóreas etc. O coronavírus é, inclusive, inteligente, ardiloso. Uma possível explicação para essa forma de metaforizar esse patógeno talvez esteja justamente na relação organismo-ambiente-sistema, pois tanto aqueles que produzem quanto aqueles que interpretam essas metáforas não encontram estranhezas em suas formulações, pois a auto-organização é situada, ou seja, o ambiente pandêmico admite a compreensão e a metaforização do vírus como maléfico, volitivo e agentivo pelo perigo que representa à humanidade.

Quanto à natureza dos padrões metafóricos, observamos que além do que já é observado em outras doenças, como o universo bélico, *inimigo invisível*, ele é metaforizado com um ser ardiloso, uma companhia, um adversário nos esportes, um aliado político, um motorista etc. Todas essas características atribuídas ao vírus são antes atribuídas a pessoas reais, o que demonstra que o vírus é conceptualizado como uma pessoa (CORONAVÍRUS É PESSOA). Além disso, as metáforas são construídas a partir de padrões linguísticos que são utilizados de maneira corriqueira no português brasileiro para definir pessoas a partir de suas características e ações. Em outras palavras, estamos diante da utilização de metáforas que parecem revelar padrões cognitivos por meio de construções linguísticas que são utilizadas para referenciar outros sujeitos, humanos, e são aprendidas por meio da experiência dos sujeitos com o ambiente e o entorno.

Os tipos de construções empregadas nos enunciados aqui discutidos – Transitiva (4 ocorrências), Expressão Idiomática (1 ocorrência), Relação pessoal com preposição (1), Estativa (3 ocorrências) e Comitativa (1 ocorrência) – revelam relações fundamentais do processo de conceptualização e de metaforização do coronavírus, uma vez que é a partir delas (e da constituição de seus significados) que compreendemos o coronavírus de maneira metafórica e figurada. Os padrões da construção linguística, como seu significado intrínseco somado ao significado dos elementos que passam a compô-la (GOLDBERG, 1995), são as bases linguísticas que possibilitam a formulação comparativa da metáfora, ou seja, compreender um elemento a partir de outro.

Em outras palavras: os slots das construções quando preenchidos por elementos que não ocorrem corriqueiramente naquelas posições, possibilitam a formulação de significados metafóricos porque o sentido da construção é mantido ao mesmo passo que a inovação semântica se faz presente. O exemplo contido em (12), *Bolsonaro se aliou ao coronavírus*, só pode ser compreendido como uma metáfora porque a regência do verbo “aliar-se” pressupõe um complemento com características que no mundo real não constituem o patógeno <coronavírus>. Além disso, se tivéssemos *Bolsonaro se aliou a Marina Silva*, que em termos sintáticos trata-se da mesma construção (NOME>VERBO PRONOMINAL> PREPOSIÇÃO> (artigo)NOME), o significado não seria mais metafórico, pois o nome “Marina Silva” faz referência a uma pessoa pública, política, que poderia aliar-se a Bolsonaro – um político assim como ela. Essas relações semântico-sintáticas e culturais funcionam, portanto, como uma elementos de autorregulação da metáfora. Não se trata, portanto, de um fenômeno apenas cognitivo, mas cognitivo, cultural, linguístico e experiencial. Dessa forma, consideramos ser possível compreender e analisar esse fenômeno a partir da Gramática das Construções e da Teoria Ecológica da Metáfora.

### Considerações finais

Neste artigo, apresentamos ao leitor uma breve reflexão sobre as metáforas apoiando-se na concepção de metáfora como recurso linguístico, cognitivo, cultural e experiencial, que atravessa os domínios cognitivo, social e comunicacional. Dessa forma,

alinhamo-nos à perspectiva da Teoria Ecológica da Metáfora, ao compreendê-la como resultado de uma relação entre organismo e ambiente, por julgarmos que as construções linguísticas são também uma forma de auto-organização da metáfora (GIBBS, 2013).

Dessa forma, descrevemos ocorrências de metáforas do coronavírus encontradas no periódico da Folha de São Paulo ([www.uol.folha.com.br](http://www.uol.folha.com.br)) entre os dias 10 de maio a 10 de junho de 2020 de modo a propor um tratamento estatístico para os dados, demonstrando os padrões mais proeminentes. Dessa forma, percebemos que a categoria Pessoa se destaca (79,09%) e, por isso, optamos por analisar instâncias de ocorrências pertencentes a essa categoria. Essa análise nos revelou um outro padrão interessante: há o predomínio do veículo *inimigo de guerra* com 61,35% das ocorrências dentro da categoria Pessoa.

Por questões de limitação de espaço, não foi possível analisar as metáforas pertencentes às outras categorias, mas defendemos a necessidade e a importância de que novos estudos sejam realizados, uma vez que a nova perspectiva ecológica da cognição e das metáforas nos ajuda a compreender como elas são construídas em um ambiente pandêmico. Além disso, a perspectiva construcional permite a análise dos padrões linguísticos empregados na construção da metáfora, de modo a elucidar as relações entre as suas faces cognitiva, cultural, linguística e experiencial.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Editora Globo, 1996.
- BORBA, F. S. *et al.* **Dicionário gramatical de verbos**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1990.
- FOSSILE, D. K. **O significado aspectual na interpretação de metáforas verbais**. 2011. 300 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95998>. Acesso em: 01 maio 2021.
- GIBBS, R. W.; MACEDO, A. C. P. da S. Metaphor and embodied cognition. **D.E.L.T.A.**, v. 26, p. 679-700, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/PR45LXfRcZWjsXBtsW45jrB/?lang=en>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- GIBBS, R. W. Metaphors, snowflakes, and termite nests: How nature creates such beautiful things. In: MACARTHUR, F. *et al* (ed.). **Metaphor in use: context, culture, and communication**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2012, p. 347-371.
- GIBBS, R. W. Metaphoric cognition as social activity: Dissolving the divide between metaphor in thought and communication. **Metaphor and the Social World**, v. 3, n.1, p. 54-76, 2013. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/msw.3.1.03gib>. Acesso em: 25 maio 2021.
- GOLDBERG, A. **Constructions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A.; JACKENDOFF, R. The English Resultative as a Family of Constructions, **Language**, v.80, n.3, p. 532-568, 2004.
- GOLDBERG, A. **Explain me this: Creativity, Competition and the Partial Productivity of Constructions**. New Jersey: Princeton University Press, 2019.
- JENSEN, T. W.; GREVE, L. Ecological Cognition and Metaphor. **Metaphor and Symbol**, v. 34, n. 1, p. 1-16. DOI: 10.1080/10926488.2019.1591720
- KITTAY, E. F. **Metaphor: its cognitive force and linguistic structure**. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/London: Chicago University Press, 1987.

- LEVIN, B. **English Verb Classes and Alternations**. Chicago: CUP, 1993.
- MOURA, H.M.M. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, n.1, p. 179-200, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2485/2437>. Acesso em: 30 maio 2021.
- MOURA, H.M.M. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo: Editora Unissinos, 2012.
- MOURA, H. M. M Onde está o vírus? Manipulação política da linguagem sobre o coronavírus. **Caleidoscópio**, v.19, p. 120-130, 2021. Disponível em: <http://revistas.unissinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/21857>. Acesso em: 25 maio 2021.
- MOURA, H. M. M; SILVA; F. L. O vírus nos ronda. **Revista Porto das Letras**, v. 7, n. 2, p. 64-82, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11061/18564>. Acesso em: 25 maio 2021.
- NERLICH, B.; HAMILTON, C. A.; ROWE, V. Conceptualising Foot and Mouth Disease: The Socio-Cultural Role of Metaphors, Frames and Narratives. **Metaphorik.de**, v. 2, 2002. p.90-108. Disponível em: [https://www.metaphorik.de/sites/www.metaphorik.de/files/journalpdf/02\\_2002\\_nerlich.pdf](https://www.metaphorik.de/sites/www.metaphorik.de/files/journalpdf/02_2002_nerlich.pdf). Acesso em: 20 jun. 2020.
- NERLICH, B.; HALLIDAY, C. Avian flu: the creation of expectations in the interplay between science and the media. **Sociology Of Health & Illness**, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 46-65, 6 fev. 2007.
- PERINI, M. A. **Estudos da gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PINHEIRO, D. Sintaxe Construcionista. In: OTHERO, G.; KENEDY, E. (Orgs.). **Sintaxe: sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 163-183.
- QUINN, N.; HOLLAND, D. Culture and cognition. In: HOLLAND, D; QUINN, N. (org.). **Cultural models in language and thought**. Cambridge: CUP, 1987, p. 3-40.
- QUINN, N. The cultural basis of metaphor. In: FERNANDEZ, J. W. (org.). **Beyond Metaphor: The Theory of Tropes in Anthropology**. Stanford: Stanford University Press, 1991, p. 56–93.
- QUINN, N. Research on shared task solutions. In: STRAUSS, C; QUINN, N. (org.). **A cognitive theory of cultural meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- SONTAG, S. S. **Doença como metáfora/ A AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEARLE, J. Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and Thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University, 1993, p. 83-111.
- SILVA, A. R. de C. Racismo e emergência de novos patógenos: o caso da pandemia de Covid-19. In: Zuben, C von. *e al* (Orgs.). **Migrações internacionais e a Pandemia de Covid-19**. São Paulo: Unicamp, 2020.
- SILVA, A. S da; LEITE, E. R. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações**, v. 18, n. 2, p. 1-23, 2015.
- SCHRÖRDER, U. A. Trinta anos da teoria conceptual da metáfora: uma retrospectiva crítica. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 53, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636544>. Acesso em: 15 out. 2021.